

DA MÃO, DO TATO À MANUALIDADE: O SABER/FAZER ENCARNADO DA RENDA DE BILROS EM SAUBARA

Leahy, Renata Costa; Doutora; GP Corpo e Cultura (CNPq/UFRB), renatagr@gmail.com¹

RESUMO

O presente trabalho se constitui em uma discussão teórica a respeito das dinâmicas do fazer renda de bilros, operados compulsoriamente pela manualidade. Através de aporte na fenomenologia do corpo, inserimos o fazer renda no âmbito da dimensão sensível, que se refere não somente à tatilidade, mas a todo o corpo. Ao realizar um ensaio sobre o sensível, Simmel (1981) reconhece a complexidade dos órgãos dos sentidos humanos, que estariam para além das suas funções básicas diferenciadas, especialmente quando se trata de sua presença fundamental na vida corrente das relações em sociedade. Junto ao autor, vamos reconhecer também certo caráter didático das impressões advindas dos sentidos, na medida em que provocam um “estado de espírito” nos sujeitos, ao tempo em que promovem conhecimento a partir da interação com o objeto (Simmel, 1981, p. 226, tradução nossa). A renda de bilros, como prática em que “os bilros passam, os fios se torcem, mas quase impossível é apanhar a operação, porque não gastam nem um segundo trocadilho” (Oiticica, 1967) é aprendida pelas rendeiras para além da observação e do ensino formal, pois a oralidade se mescla às práticas de todo dia, ocasionando um conjunto de técnicas incorporadas de forma inata (Mauss, 2003) pela educação sensível do corpo. A corporalidade desenvolvida, que culmina no rendar – um saber/fazer característico –, é forjada em um contexto específico, que aqui exemplificamos com a prática da renda de bilros em Saubara, localidade do recôncavo baiano. Mistura de pequena urbanidade ligada ao mar e ao mangue, o local tem nessa dinâmica o bojo da composição da corporeidade das mulheres, principalmente senhoras, que se dividem entre as atividades domésticas, marisqueiras e o rendar. A presença física ultrapassa o perspectivismo posicional em relação aos objetos do fazer renda – almofada, bilros, linhas –, mas se amplia no que Merleau-Ponty (1999, p. 146) reconhece como uma “espacialidade de situação”. O contexto baliza a vida desse corpo, realizando uma forma particular desse contato/conhecimento, cujas experiências são incorporadas enquanto um modo de ser que baliza as ações, relações e novas experiências. É nesse sentido que podemos compreender a mão e o tato como manualidade, resultado e materialização de cada

¹ Doutora em Cultura e Sociedade pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e pela ED Lettres, Langues, Spectacles da Université Paris Nanterre (Paris X). Graduada em Artes - Políticas e Gestão da Cultura pelo Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos (IHAC/UFBA) e em Comunicação - Jornalismo pela Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC). Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura (CNPq/UFRB).

ser no mundo, de cada rendeira em sua existência. Focillon (2012) acredita que as mãos possuem uma capacidade peculiar de ver e falar. O tato realiza o conhecimento do mundo, distinguindo e qualificando superfícies, ao tempo em que, na sua potência por vezes ocultada pelo hábito, é criador. “A ação da mão define o oco do espaço e o pleno das coisas que o ocupam. [...] O espaço, ele o mede não com o olhar, mas com a mão e com o passo” (Focillon, 2012, p. 11). Retomamos Merleau-Ponty (1999, p. 207), que reitera que não se trata de uma reunião em pedaços das experiências visual e tátil, uma tradução da linguagem visual para “dados do tocar”, mas uma reunião que é o próprio corpo operante através da mão. Essa integralidade da ação corporal leva mãos e dedos a aglutinarem tatilidade e visibilidade. “Esse gesto supõe que o tato se abre a um meio pelo menos análogo àquele dos dados visuais” (Merleau-Ponty, 1999, p. 299). São os dedos-olhos que guiam e movem os bilros, e sabem como elaborar a renda, prometida pelo pique e pelo saber dos movimentos edificadas em todo o corpo.

Palavras-chave: renda de bilros; manualidade; sensibilidade.

